



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA

GILMARA RAIZA MOTA DA SILVA

LEITURA LITERÁRIA: uma prática como recurso para alfalettar.

CASTANHAL
2022

GILMARA RAIZA MOTA DA SILVA

LEITURA LITERÁRIA: uma prática como recurso para alfalettar.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Pedagogia, do Campus Universitário de Castanhal, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado(a) em Pedagogia.

Orientador(a): Dr(a). Ivana de Oliveira Gomes e Silva

CASTANHAL
2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

S586l Silva, Gilmara Raiza Mota da.
LEITURA LITERÁRIA : uma prática como recurso para
alfabetizar / Gilmara Raiza Mota da Silva. — 2022.
44 f.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Ivana de Oliveira Gomes E Silva
Silva
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Castanhal, Faculdade
de Pedagogia, Castanhal, 2022.

1. Literatura. 2. Leitura. 3. Alfabetização. I. Título.

CDD 370

GILMARA RAIZA MOTA DA SILVA

LEITURA LITERÁRIA: uma prática como recurso para alfalettrar.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Pedagogia, do Campus Universitário de Castanhal, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado(a) em Pedagogia.

Data da aprovação: 19/12/2022

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a. Ivana de Oliveira Gomes e Silva
Orientadora – UFPA

Prof.^a Dr.^a. Geise do Socorro Lima Gomes
Examinadora Interna – UFPA

Prof. Dr. Madison Rocha Ribeiro
Examinador Interno – UFPA

Primeiramente agradeço a Deus, por toda proteção, saúde física e mental durante essa caminhada acadêmica. À minha mãe JOSÉFA e a minha irmã GILMA, que sempre fizeram o possível para que esse desejo se concretizasse. Ao meu sobrinho MIGUEL e a minha sobrinha MARIA LAURA que também me fortaleceram para persistir na caminhada.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me concedido a oportunidade de realizar esse sonho, por ter me guiado e protegido.

À Nossa Senhora por suas intercessões junto ao Pai e pelas bênçãos alcançadas.

À minha FAMÍLIA por todo apoio, esforço, dedicação, que por muita das vezes abdicaram das suas coisas por mim e que sonharam junto comigo. Ao meu Pai Miguel Faustino e meu Irmão Givanildo Silva que não puderam acompanhar minha caminhada aqui na terra.

Aos meus parceiros/amigos ELTON CARDOSO, TIAGO TABAYARA, WELLINGTON LIMA, por sempre estarem disponíveis a me ajudarem na minha trajetória acadêmica, minha gratidão a vocês por tudo que fizeram por mim.

Às minhas parceiras Carla Costa, Erika Magalhães, Francisca Gabrielly, Suzanny Freitas e Raiane Rodrigues que enfrentaram junto comigo esse percurso acadêmico, fazendo com que tudo se tornasse mais fácil. Agradeço também aos familiares de cada uma, pela hospedagem em suas casas quando era necessário, meus sinceros agradecimentos.

Aos meus Professores e Professoras que contribuíram significativamente para o meu conhecimento durante a minha formação. Em especial todo agradecimento ao Prof. Dr. Madison Ribeiro, pela paciência e disposição, ao Prof. Dr. Raimundo Nonato, por todo incentivo, à Prof.^a Dr.^a. Geise Gomes, por suas contribuições durante os dois anos no grupo de estudos BLALLET.

À minha orientadora Prof.^a Dr.^a. Ivana de O. G. e Silva, pela paciência, ensino e aprendizagem, durante minha permanência como monitora no projeto BLALLET, meu muito obrigada.

À PROEG (Pró-Reitoria de Ensino de Graduação) e ao LABINFRA (Laboratório de Ensino de Graduação e da Educação Básica, Técnica e Tecnológica), pela bolsa/auxílio financeiro que possibilitou a dedicação e estudo ao projeto BLALLET.

A todos e a todas que de alguma forma contribuíram para minha formação, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Nos últimos séculos vivenciamos uma sociedade que tem na escrita e na leitura práticas e instrumentos cada vez mais obrigatórios para os sujeitos serem nela inseridos. A literatura, por meio leitura literária é um mecanismo que possibilita no ensino de crianças em processo de alfabetização. A escolha pelo tema, justifica-se por participar do grupo de estudos BLALLET (Brinquedoteca e Laboratório de Alfabetização e Letramento), o projeto desenvolve monitoria a partir de leituras e estudos sobre a temática alfabetização e letramento. O tema é de relevância social, pois não há um debate no curso de Pedagogia sobre a Literatura, como metodologia para contribuir na aprendizagem da criança na alfabetização. O objetivo do estudo é refletir sobre a importância da literatura infantil, a partir da leitura literária no ensino de crianças em processo de alfabetização, assim, contribuir no processo de ensino. A metodologia consistiu em pesquisa bibliográfica, a partir de uma abordagem qualitativa, dessa forma, utilizou-se GIL (2010, p.50) e MINAYO (2001, p. 14). Dentre autoras e autores que discutem o assunto, utilizasse CADEMARTORI (2010), COELHO (2000), LAJOLO (1993), ZILBERMAN (1995). No primeiro capítulo, traz o percurso da Literatura. O capítulo seguinte, aborda sobre alfabetização e letramento. O terceiro capítulo, traz o que diz sobre a literatura no RCN. Portanto, a literatura infantil contribui para o processo de alfabetização e letramento escolar das crianças, pois, a literatura promove para a criança conhecimentos, possibilidades, habilidades e linguagens de acordo com seus níveis de compreensão.

PALVRAS-CHAVE: Literatura. Leitura. Alfabetização.

ABSTRACT

In recent centuries we have experienced a society that has practices and instruments that are increasingly mandatory in writing and reading for subjects to be inserted into it. Literature, through literary reading is a mechanism that enables the teaching of children in the process of literacy. The choice for the theme is justified by participating in the BLALLET study group (Toy Library and Literacy and Literacy Laboratory), the project develops monitoring from readings and studies on the theme literacy and literacy. The theme is of social relevance, because there is no debate in the Pedagogy course on Literature, as a methodology to contribute to the child's learning in literacy. The aim of the study is to reflect on the importance of children's literature, from literary reading in the teaching of children in the process of literacy, thus contributing to the teaching process. The methodology consisted of bibliographic research, based on a qualitative approach, thus, GIL (2010, p.50) and MINAYO (2001, p. 14) were used. Among authors and authors who discuss the subject, we used CADEMARTORI (2010), COELHO (2000), LAJOLO (1993), ZILBERMAN (1995). In the first chapter, it brings the path of Literature. The next chapter covers literacy and literacy. The third chapter, brings what it says about literature in the RCN. Therefore, children's literature contributes to the process of literacy and school literacy of children, because the literature promotes knowledge, possibilities, skills and languages according to their levels of understanding to the child.

KEYWORDS: Literature. Reading. Literacy.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	3
2	LITERATURA INFANTIL E EDUCAÇÃO	
2.1	LITERATURA INFANTIL – Origem e características	9
2.2	EDUCAÇÃO E A LITERATURA INFANTIL	13
2.3	LITERATURA INFANTIL BASE PARA A ALFABETIZAÇÃO	15
3	ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	
3.1	ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: Conceitos	19
3.2	ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO – NOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCNs)	22
4	REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL: LITERATURA INFANTIL E A LEITURA	29
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

1 INTRODUÇÃO

“A nossa literatura infantil tem sido, com poucas exceções, pobríssima de arte, e cheia de artifícios – fria, desengonçada, pretensiosa. Ler algumas páginas de certos livros de leitura equivale, para rapazinhos espertos, a uma vacina preventiva contra os livros futuros. Esvai-se o desejo de procurar emoções em letra de fôrma, contrai-se o horror do impresso ...

Felizmente esboça-se uma reação salutar. Puros homens de letras voltam-se para o gênero, tão nobre como outro qualquer.”

(Edgar Carvalheiro, 1962)

No interior de uma sociedade grafocêntrica e contemporânea, como a que temos e cada vez mais complexa, são exigidas dos indivíduos diversas habilidades e competências, dentre elas a leitura. As crianças desde muito pequenas passam a ter contato com a linguagem e a escrita, em livros, revistas, vídeos com legendas, aplicativos de mensagens, entre outros, mesmo que ainda não tenham a compreensão do que se encontra escrito nas páginas.

As imagens se fazem presentes no nosso dia a dia, elas são também fonte de comunicação, permitem realizar leituras, transmitem informações sobre determinado assunto ou simplesmente um aviso. As histórias, os contos infantis, apresentam muitas e diversificadas imagens, o que chama bastante a atenção das crianças.

A partir da escolarização, em exercício de alfabetização, realizam as interpretações sobre as imagens dispostas nos livros infantis, ao qual dão “sentido” conforme a sua leitura/imaginação ou de acordo com seus prévios conhecimentos. Permitir o acesso aos livros, faz com que haja um desenvolvimento significativo nas diversas capacidades, intelectual e física das crianças.

Para Santos (2013, p.8),

As pessoas começam a ter acesso às imagens desde cedo, antes de entrarem no universo das letras, na infância as crianças assistem a desenhos animados, antes de serem alfabetizadas, ao folhear um livro infantil as crianças se detêm as imagens, veem imagens no computador, no celular, no vídeo game, enfim, as crianças vivem cercadas por imagens. Assim como os indivíduos não nascem sabendo ler texto escrito, não nascem também sabendo ler imagens e ao fazer a leitura de uma imagem, as pessoas relacionam com outras imagens e com o conhecimento que carregam sobre ela.

O ser humano não desenvolve a imaginação como se fosse um dom natural. O cérebro, por ter a capacidade de alteração, ou seja, ele é dotado de plasticidade, tem a capacidade de definir e reelaborar informações de tentativas anteriores dos seres humanos, o que permite o aparecimento de novas ações comportamentais. A capacidade de criar/recriar, denomina-se de fantasia ou imaginação, alcançando os meios culturais, realizando a criação técnica, artística e científica.

A educação permite um encontro entre as crianças e as culturas desenvolvidas historicamente pelos seres humanos, dessa forma, contribui para que as crianças façam e tenham suas próprias experiências, realizando um diálogo com os objetos encarnados de uma cultura, assim novos conhecimentos ajudam a criar e reelaborar a cultura.

Para Bakhtin (2003, p.348):

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, todos os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal.

O ambiente escolar, é o lócus de diversidade que possibilita o encontro e conhecimento das mais variadas imagens e leituras, mas nem sempre existe incentivo para ato de ler, o que acaba se limitando somente em textos ditos como obrigatórios, anulando a literatura em detrimento de outros textos. Não sendo criado planos para outras maneiras de ensinar, esquecendo-se de trabalhar os textos literários. Lígia Cademartori (2010, p. 72) conduz um questionamento sobre a realização da literatura pedagogizada no ambiente escolar, assegurando que “se a alfabetização for vista como a preparação de um leitor, o problema se desloca da aquisição de uma habilidade, para a preocupação com a formação do destinatário do processo: o sujeito falante”.

Dessa forma, a Educação Infantil é uma etapa importante no processo de estruturação do indivíduo, então o incentivo da leitura literária, incentivará a criança para o universo da leitura, desenvolvendo com mais prazer o hábito pela leitura, conforme os estímulos e abordagens que irão receber do ambiente ao qual estão inseridos, também pode vir a contribuir para alfabetizar e letrar, tanto com as informações descritas no texto escolhido, quanto as imagens distribuídas entre o texto. Pois, a literatura infantil, auxilia e é imprescindível para a formação plena e integral das crianças, mesmo durante essa fase, onde a

leitura é de forma oral, porque as crianças das séries iniciais ainda estão criando hipóteses e aprendendo sobre o sistema de escrita e leitura.

Sobre a importância da educação infantil no processo de formação do indivíduo, ou seja, uma busca na formação integral

A educação infantil, primeira etapa da educação básica tem por finalidade o desenvolvimento integral da criança até 06 anos de idade em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, completando a ação familiar e da comunidade. (LDB, art. 29, 1996)

A escolha pelo tema literatura infantil para a alfabetização e letramento, justifica-se por participar do grupo de estudos BLALLET (Brinquedoteca e Laboratório de Alfabetização e Letramento), tendo seu início no ano de 2020, com o objetivo de qualificar as atividades de Ensino na Brinquedoteca, com a reorganização do espaço, para atender disciplinas que envolve alfabetização e letramento.

O projeto desenvolve monitoria a partir de leituras e estudos sobre a temática alfabetização e letramento, sendo que em uma de suas monitorias apresentou sobre a temática acima mencionada, com o texto das autoras Aparecida Paiva, Graça Paulino e Marta Passos – Literatura e Leitura Literária na Formação Escolar, disponível site do Ceale (Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita), despertando a curiosidade em conhecer como tal relação poderia ajudar no processo de alfabetização e letramento, assim como, por gostar de leitura e literatura.

Por conseguinte, a escolha deste tema foi feita por considerá-lo de grande relevância social, por fazer parte das discussões sobre os processos de alfabetização e por entender que é um tema subjacente para as/os graduandas/os do curso de Pedagogia, que atuarão como alfabetizadoras e alfabetizadores, assim também poderá contribuir para que outros profissionais com perfil de atuação nas séries iniciais, consigam alfaetrar (termo que a Professora Magda Soares, criou para representar a integração possível entre alfabetização e letramento), mediante as leituras literárias, ademais, trazer contribuições e problematizar a situação existente diante dessa temática. Então, a pesquisa tem como questão-problema: A literatura infantil, pode contribuir no processo de alfabetização e letramento escolar da criança?

Ademais, o percurso metodológico e o desenvolvimento do presente estudo se relacionam às atividades de leitura e sessões de estudos no Projeto BLALLET –

Brinquedoteca e Laboratório de Alfabetização e Letramento, via plataforma Google Meet, cujo objetivo é discutir sobre o processo de alfabetização e letramento, além das pesquisas bibliográficas, indicadas pelo projeto.

As pesquisas científicas, surgem de um problema, assim a exploração para as possíveis respostas desse problema se encontra na análise de dados, que para isso devem ser ordenados e analisados, para a sistematização dos resultados.

Então, para a ocorrência desse processo é necessário a opção de um método e de procedimentos ao qual ajudem no estudo.

Para o desenvolvimento da pesquisa, a primeira ação foi em fazer uma busca sobre trabalhos correlatos ao tema, para isso utilizou-se da plataforma Google, foram utilizadas palavras como literatura infantil, literatura e alfabetização.

A pesquisa, deu-se a partir de leituras de artigos, livros, referente ao assunto literatura infantil. Para a surpresa, as pesquisas encontradas são maiores na área de Letras (Língua Portuguesa), sendo poucas na área de Pedagogia.

A partir dos processos iniciais, fui conhecendo autoras e autores que discutem sobre o tema literatura infantil, sendo CADEMARTORI (2010), LAJOLO (1993), ZILBERMAN (1995), entre outras e outros.

A pesquisa em questão tem o objetivo de alcançar alguns objetivos específicos e com isso, apresenta-se a metodologia utilizada no percurso da pesquisa.

Lakatos e Marconi (2003, p. 234), explicam sobre trabalhos científicos acadêmicos:

[...] devem ser elaborados de acordo com as normas preestabelecidas e com os fins a que se destinam. Serem inéditos ou originais e contribuirão não só para ampliação de conhecimentos ou compreensão de certos problemas, mas também servirão de modelo ou oferecer subsídio para outros trabalhos.

As autoras Lakatos e Marconi (2003), destacam ainda que os trabalhos científicos “podem ser realizados com bases em fontes primárias ou secundárias e elaborados de várias formas, de acordo com a metodologia e com os objetivos propostos.”

O trabalho apresentado, uma monografia,

Trata-se, portanto, de um estudo sobre um tema específico ou particular, com suficiente valor representativo e que obedece a rigorosa metodologia. Investiga

determinado assunto não só em profundidade, mas também em todos os seus ângulos e aspectos, dependendo dos fins a que se destina (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 234).

Considerando os objetivos deste trabalho, a pesquisa se adequa dentro de um modelo de pesquisa qualitativa e de caráter bibliográfico.

Segundo Triviños (1987, p. 128-130)

1º) A pesquisa qualitativa tem ambiente natural com fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave; 2º) A pesquisa qualitativa é descritiva; 3º) Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto; 4º) Os pesquisadores qualitativos tendem analisar seus dados indutivamente; 5º) O significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa [...].

A pesquisa bibliográfica abrangeu o levantamento de dissertações e teses ao qual tinha o mesmo cunho investigativo e, a leitura de livros e artigos científicos, que contribuíram para um maior conhecimento sobre a temática discutida neste trabalho.

Para Fonseca (2002),

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Para mais, a pesquisa tem como objetivo geral refletir sobre a importância da prática de literatura infantil, a partir da leitura literária no ensino de crianças em processo de alfabetização, dessa forma, contribuir no processo das práticas sociais de aprendizagem da leitura e da escrita.

Além do mais, os objetivos específicos da pesquisa consistem:

- Discutir sobre a Educação e a Literatura infantil, assim como, o surgimento da literatura infantil e sua importância para desenvolvimento social da criança;
- Refletir sobre os conceitos de alfabetização e letramento, analisando suas diferenças e, compreendendo que entre suas distinções há uma complementariedade;
- Analisar sobre o que se encontra no Referencial Curricular Nacional, em relação ao que diz sobre a literatura infantil.

Além da introdução desenvolvida e a metodologia descrita para a elaboração do trabalho, passo para a organização do trabalho ora apresentado:

No primeiro capítulo, intitulado Literatura Infantil e Educação, apresento um resumo sobre o processo histórico, para assim ter uma compreensão sobre o percurso que a literatura infantil sofreu durante os diversos períodos da história, além do mais, será abordado sobre a Educação e a Literatura infantil, culminando com uma defesa da literatura infantil como base para a alfabetização.

O capítulo segundo, denominado Alfabetização e Letramento, discorrerá sobre conceito de ambos, fazendo a distinção, entre alfabetização e letramento, na sequência, cito o Referencial Curricular Nacional – PCNEI, que aborda a linguagem oral com destaque para a literatura infantil, sendo que esse documento traz um conjunto de reflexões sobre objetivos, orientações didática e conteúdos direcionados para o público infantil.

No terceiro capítulo, analisa o documento Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI, sobre o que traz em relação a literatura infantil e leitura, esse documento foi criado para subsidiar os sistemas educacionais na elaboração e implementações de programas e currículos, em relação a literatura infantil e leitura.

Logo após, as “Considerações Finais” e por fim as “Referências Bibliográficas” que deram base para o trabalho.

2 LITERATURA INFANTIL

“O gosto de contar é idêntico ao de escrever – e os primeiros narradores são os antepassados anônimos de todos os escritores. O gosto de ouvir é como o gosto de ler. Assim as bibliotecas, antes de serem estas infinitas estantes, com as vozes presas dentro dos livros, foram vivas e humanas, rumorosas, com gestos, canções, danças entremeadas às narrativas”.

(*Cecília Meireles*)

2.1 LITERATURA INFANTIL – Origem e características

Em 1988, iniciou-se a distribuição dos livros literários em escolas e bibliotecas do Brasil, pelo Ministério da Educação, cuja iniciativa recebeu o nome de Programa Salas de Leitura, ao qual foi desenvolvido pela Fundação de Assistência Estudantil (FAE).

As obras referentes a literatura infantil, do modo que as conhecemos, são produções recentes. Os contos que eram lidos para entreter os adultos na Idade Média, continham um caráter moralista. A literatura infantil ocorreu no século XVII com Fenélon (1651-1715), cujo objetivo era educar moralmente as crianças. As histórias dessa época, constituía uma organização maniqueísta, com o propósito de demarcar o bem a ser aprendido e o mal a ser desprezado. (SILVA, 2009, p. 137)

Os contos de fadas, que são conhecidos na atualidade, surgiram na França, ao final do século XVII, com as obras de Charles Perraul (*Cinderela, Chapeuzinho Vermelho*) “coleta contos e lendas da Idade Média e adapta-os, constituindo os chamados contos de fadas, por tanto tempo paradigma do gênero infantil.” (CADERMATORI, 2010, p. 39), cujo direcionamento das suas obras era para as crianças da corte, com um caráter moralizante por meio de uma literatura pedagógica, o burguês Perraul não apreciava as superstições do povo, como um homem culto, as ironizavas.

Já as obras dos Irmãos Grimm na Alemanha, do século XIX, abordavam em suas narrativas um tom popular, tinham o objetivo de preservar o patrimônio literário tradicional do povo alemão, para permitir o alcance para todos, assim tornaram-se as mais conhecidas. As histórias passam a anunciar uma nova visão de criança, sendo até então vista não por suas

especificidades, mas era compreendida como um adulto em miniatura (ALVES; ESPÍNDOLA; MASSUIA, 2011).

Diante do processo que estava ocorrendo no espaço geográfico, com a revolução industrial, na Inglaterra, a criança passa a ser vista como uma mão de obra, passaram a realizar os afazeres dos adultos, realizando trabalhos nas indústrias, pois, era mais rentável para os empregadores pagar um valor mínimo para a criança, do que pagar um salário para os adultos.

Foi a partir da industrialização, que as crianças começaram a frequentar o ambiente escolar, mas até aquele momento era dispensável ou facultativo a frequência das crianças nas escolas, mas com os pais/responsáveis começando a trabalhar nas fábricas/indústrias, foi um meio para a criança desfrutar do âmbito educacional formal.

A partir dessa nova concepção de criança, a literatura infantil, também ganha uma nova postura, a criança passa a ser compreendida com seus conflitos, medos, dúvidas e contradições, não significando que a criança não tenha conhecimento da realidade, mas sim, pelo fato de trazerem uma imagem que é uma projeção dos adultos:

Se a imagem da criança é contraditória, é precisamente porque o adulto e a sociedade nela projetam, ao mesmo tempo, suas aspirações e repulsas. A imagem da criança é, assim, o reflexo do que o adulto e a sociedade pensam de si mesmos. Mas este reflexo não é ilusão; tende, ao contrário, a tornar-se realidade. Com efeito, a representação da criança assim elaborada transforma-se, pouco a pouco, em realidade da criança. Esta dirige certas exigências ao adulto e a sociedade, em função de suas necessidades essenciais. (CHARLOT apud ZILBERMAN, 2003, p. 20)

A evolução da literatura infantil como gênero dedicado para as crianças, ocorre justamente com a obrigatoriedade da frequência delas na escola. Esse momento histórico, fez com que as obras literárias fossem consumidas pela criança, assim como o aprimoramento da tipografia, vive seu ápice. Ademais, passou a ser um caminho para formar e assegurar valores e comportamentos (AGUIAR, 2011; CADEMARTORI, 2010; COELHO, 2000; LAJOLO, 1993; ZILBERMAN; LAJOLO, 2007; ZILBERMAN, 1985).

Nessa óptica, a literatura infantil é um gênero novo na história da cultura ocidental. Estabiliza-se no final do século XVII quando Charles Perrault designa os contos de Mamãe Ganso para os leitores jovens. De acordo com o avanço da urbanização, o aumento e a necessidade de ser alfabetizado se impõe cada vez mais, pois a exigência em saber ler e escrever, era um dos critérios para os novos tipos de trabalho. Sendo que essas novas

profissões dependem dos conhecimentos relacionados aos registros, às normas, às instruções e aos outros atos comunicativos (AGUIAR, 2011).

No Brasil, a literatura infantil tem seu início no final do século XIX para o início do século XX. Segundo Zilberman e Lajolo (2007), nesse período, a produção literária brasileira caracterizava-se por um mosaico, pois as produções das obras literárias legítimas brasileiras coexistiam com traduções e adaptações.

Durante esse período, as elaborações das obras literárias brasileiras para o público infantil, tinham uma preocupação quanto a qualidade, sentimentos, valores e atitudes, além de ajudar na correção da linguagem das crianças. O país, por estar vivendo um momento político-econômico e social, utilizavam a literatura para impor os valores nacionalistas.

Essa perspectiva tradicionalista tinha como objetivo que houvesse a valorização de símbolos, heróis nacionais e um destaque no comportamento individualista e moralmente aceitável, além da valorização ao esforço pessoal (ZILBERMAN; LAJOLO, 2007).

Esse contexto começa a mudar por volta de 1920, com Jose Bento Monteiro Lobato, com a publicação da obra: *Narizinho Arrebitado*, onde a produção literária de Monteiro Lobato, dirige-se a contemplar o folclore e a valorização das raízes locais, as histórias brasileiras.

A obra do criador do Sítio do Pica-Pau Amarelo, ambiente rural que abriga suas personagens, se dimensiona a partir de sua interação com o grupo social ou, mais explicitamente, sua atuação como agente formador e modificador da percepção do público (CADEMARTORI, 2010, p. 48).

Monteiro Lobato, já em sua primeira obra trazia bases para a literatura infantil: a complexidade ambiental nacional em concordância com a imaginação infantil; a linguagem visual, o enredo, a boniteza na expressão, dentre outros. Faz uma relação entre a literatura e as questões sociais. Suas obras permitem além do simples fazer pedagógico, obras com intenções didática e educativa.

Somente a partir da década de 1970, é que há compreensão de temas específicos do universo infantil, com uma inclusão de temas, como sexualidade, morte e violência. O modelo da criança passiva e obediente das histórias de outrora é substituída por personagens que

internalizam várias crises do mundo social (ZILBERMAN; LAJOLO, 2007). As décadas anteriores não entendiam a criança de acordo com as suas especificidades.

Os autores das obras literária infantil, deram uma atenção para as habilidades dos leitores iniciantes, ao mesmo tempo que acontecia o crescimento do mundo imagético cinematográfico e televisivo. As imagens, antes abordadas nos livros de literatura infantil somente como adereço, agora se tornam, muitas das vezes, maiores que o texto escrito. Apresentando-se sozinhas em algumas obras, pois, são acessíveis aos que não se apropriam ainda da leitura (BAJARD, 2007; LINDEN, 2011).

Na modernidade, alguma das vezes, a leitura literária foca somente para ensinar algo, deixando de lado o seu caráter de arte. Conforme Aguiar (2011, p.08, grifo da autora):

É necessário, pois, uma precisão nos caminhos, com o intuito de garantir às crianças experiências de leituras incentivadoras em que a leitura se faça uma realidade possível, estimuladora da *imaginação* e do conhecimento do próximo e de si mesmo. Para isso, é fundamental possibilitar situações de leitura estabelecidas na liberdade de escolha e no lúdico, com base teóricas de acordo com o gênero literário em questão, o desenvolvimento de leitura, os aspectos emocionais e cognitivos infantis e o método de trabalho mais indicado.

Além da constituição do leitor, a literatura infantil corresponde a uma função estética, ademais contribui como elemento cultural no processo de emancipar o ser. Para Coelho (2000, p. 46): “Como objeto que provoca emoções, dá prazer ou diverte e, acima de tudo, modifica a consciência de mundo de seu leitor, a literatura infantil é arte.”

Burlamque, Martins e Araújo (2011, p. 80-81) explana “A importância da Literatura Infantil é de alimentar e estimular a imaginação da criança, auxiliá-la a conhecer melhor a estrutura do seu eu, permitindo também, ampliar sua visão de mundo e alargar seus horizontes cognitivos e emocionais.”

Através da literatura infantil as crianças tem a chance de conhecer e tomar para si a história e a cultura, podendo recriar a realidade. Por meio da compreensão da leitura, a apropriação será mais intensa, aumentando a capacidade de imaginação, criando o que não viu, nem vivenciou, mas conheceu através da fala/leitura do outro – pela transmissão vocal (BAJARD, 2007) de parceiro mais experiente ou no contato individualizado com o livro. (VIGOTSKI, 2009).

Dessa forma, entende-se que a literatura é uma linguagem única apta para atuar no enriquecimento do conhecimento e proporcionar vivências na imaginação do ser humano. Da

mesma maneira, pode-se afirmar que a literatura infantil, em seu bojo, possui natureza semelhante, contudo, alguns autores garantem que sua diferença se encontra em seu/sua leitor/a: a criança.

De acordo com Coelho:

A literatura infantil é ante de tudo, a literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização... (2000, p. 27).

Sendo assim, o/a pequeno/a leitor/a por meio da literatura é capaz de conhecer, encantar-se e participar das experiências de vida através das representações da relação entre maravilha e o real. A leitura literária permite: aprender, questionar, refletir, imaginar, emocionar, divertir, entre outros.

2.2 EDUCAÇÃO E A LITERATURA INFANTIL

A etapa da Educação Infantil (creche e pré-escolas), compreende a educação de crianças de 0 a 5 anos de idade. Essa fase é muito significativa para o desenvolvimento das crianças, seja no aspecto social, emocional, motor e intelectual, pois, permite diversas descobertas, mesmo com pouca idade.

O art. 29 da LDB, conceitua a Educação Infantil como sendo a primeira etapa da Educação Básica, cujo objetivo, consiste em desenvolver integralmente as crianças até 5 anos de idade, de acordo com os aspectos físico, psicológico e social, sendo complementado com as práticas em seio familiar e da comunidade. No art. 30, aborda sobre a oferta de vagas em creches para crianças de até 3 anos, a pré-escola para crianças de 4 a 5 anos. Sobre a avaliação, encontra-se no art. 31, que será realizada mediante o registro e acompanhamento do desenvolvimento da criança em sala de aula.

Ao tratar de educação escolarizada, busca-se que seja realizada com qualidade, para garantir o objetivo final. A educação infantil quando ofertada com qualidade e responsabilidade, garante o sucesso no desenvolvimento cognitivo da criança. Portanto, é fundamental que as instituições escolares que atendem a esse público, devem ser bem assistidas, para assim, conseguir êxito no processo educacional como um todo, pois a educação infantil é a base para a educação sistematizada.

Pensar em criança, seja no ambiente escolar ou âmbito familiar, é algo automático pensar em apresentar e ler para elas textos que fazem parte da literatura infantil, pois é nessa fase da vida ao qual se formam hábitos que acompanham o indivíduo. Diante disso, é fundamental a prática do hábito da leitura, para garantir esse processo, é importante despertar nas crianças o prazer pelo ato de ler, que esse prazer seja inserido na rotina das crianças desde a mais tenra idade.

É imprescindível que o hábito da leitura seja incentivado mesmo antes das crianças frequentarem a escola, a família é parte fundamental nesse processo, pois, quando a família não pratica a leitura e/ou a contação de história com e para a criança, recai sobre a escola a responsabilidade de despertar a curiosidade no mundo mágico e encantador dos livros.

Porém, tem-se um problema em relação a formação acadêmica de professoras e professores, ao não enfatizarem a leitura como algo relevante no processo de desenvolvimento da criança. Diante dessa questão, Machado (2001, p. 47) compara um curso de natação e uma sala de aula, onde “no curso não se contrata instrutor que não sabe nadar, entretanto, as salas de aula estão lotadas de pessoas que querem ensinar a ler, sendo que as mesmas não têm o hábito de ler”. Desse modo, é inviável desenvolver um trabalho, quando o/a próprio/a educador/a não pratica o seu hábito pela leitura. Paulo Freire (2001) teve a preocupação com a formação docente, pois para ele, o educador deveria ser um provocador de situações em um meio onde todos e todas pudessem aprender. Sobre a formação docente, segundo Gratiot (2010, p. 22) Wallon esperava que “cada profissional deveria ser formado para a prática pedagógica e favorecido por uma especialização em psicologia infantil”.

A presença e o contato com a literatura, influência a visão de como a criança ver o mundo, Abramovich (1997) relata que “as crianças passam a ver o mundo de forma mais nítida, quando ouvem histórias”. Por meio do contato com histórias, a criança tem a possibilidade de despertar seu imaginário.

Borges diz:

Todo ato de leitura é sempre acompanhado de emoção, sejam elas de curiosidade, interesse, excitação, consolo, alegria ou paz, quer sejam de ansiedade, medo ou aborrecimento. Em decorrência do envolvimento nessa gama e profundidade de emoções, as atitudes relativas à leitura podem tornar-se habituais, o que pode fazer com que a leitura seja desejada ou indesejada. (2001, p. 91).

Compreende-se o quanto é necessário que haja oportunidade de se propiciar o contato da criança com a leitura, seja no meio familiar ou no ambiente escolar, para assim, despertar o imaginário infantil para as descobertas do que se encontra ao seu redor.

Portanto, o ato de ler ou a contação de história não devem ser desenvolvidos de qualquer maneira, o material deve ser escolhido, analisado e planejado, pois será explanado para crianças, onde elas terão interesse pelo que lhe agrada e o que lhe chama mais a atenção, garantir o objetivo da leitura é tão importante quanto ler, ou seja, trabalhar e explorar a obra com suas informações explícitas ou implícitas.

2.3 LITERATURA INFANTIL BASE PARA A ALFABETIZAÇÃO

A literatura infantil ao longo percurso de sua história traz mudanças e traça caminhos em seus escritos em folhas de papel e por vários outros materiais, passou pela tecnologia e desenvolveu nela variados meios de suporte para a literatura ser o que é e chegar até as crianças.

A literatura ao qual temos hoje, recebe uma abrangência de conteúdos e desenvolvimento em novos suportes, vem auxiliando e contribuindo de maneira inovadora, dando um apoio no processo de alfabetização no âmbito escolar, quando se é planejado e sistematizado com o plano de aula de acordo com as diretrizes e orientações da educação, assim poderá transformar o desenvolver das práticas de alfabetização.

Diante da significativa distribuição dos textos literários chegando a toda parte e de maneiras diferentes, contribui para um léxico de oportunidades para realizar diversas atividades em variados formatos e formas, pois, os materiais muita das vezes trazem consigo obras que permitem ao docente alfabetizador e alfabetizadora a transformar as atividades para serem trabalhadas em sala de aula, dessa forma, ajudará no ensino e aprendizagem das crianças.

O conceito vygotskiano da aprendizagem a partir da interação com o meio social, o estudo psicolinguístico sobre o uso da língua escrita e a importância dada à leitura literária como meio cultural, permitiu e justificou a introdução da literatura infantil na escola, segundo Colomer (2017, p. 90-91) especialmente através dos seguintes itens:

1- Em primeiro lugar, como consequência da preocupação com a melhora da *primeira aprendizagem leitora*, um dos maiores e mais apaixonados debates escolares da segunda metade do século XX. A crescente importância outorgada ao

interesse e compreensão do leitor pelo texto lido levou ao recolhimento das antigas *cartilhas* e a sua substituição por contos infantis, algumas vezes reais e outras, criados mais ou menos pelo professor para esta tarefa.

Educadoras e Educadores dos anos iniciais trazem consigo uma preocupação quanto à aprendizagem leitora de seus/suas discentes, buscam da melhor maneira metodologias ao qual possam alfabetizar e letrar, para contribuir na formação das crianças, tornando-as leitores e leitoras capazes de compreender o que se ler, assim devem buscar auxílio em materiais que despertam interesse dos pequenos aprendizes.

2- Ao mesmo tempo, a revalorização do *folclore* em meados dos anos setenta justificou seu uso nas aulas e potencializou a narração dos contos ou o canto e a recitação de poesias populares. Nesta época, além disso, cresceu socialmente a oferta da educação infantil, de maneira que a idoneidade deste tipo de literatura como material escolar passou, sem dúvida, a ser considerada.

A utilização destes textos foi crescendo em todos os níveis educativos e logo toda a etapa primária aderiu à *leitura livre* e às atividades sobre texto de tradição oral. Estudos literários, como os de Propp, sobre os contos maravilhosos, deram um suporte, celebrado por ele ser um cientista, à análise do material folclórico usado na escola. Na mesma época, e em um contexto presidido pela reflexão sobre o jogo e a criatividade, com autores de referência como Wallon, Winnicott, Claparède ou Freinet, se expandiram as propostas de Rodari sobre a renovação da redação por meio da *escrita criativa* e sobre o uso dos contos infantis. As escolas se encheram de uma quantidade de guias e materiais didáticos centrados na literatura infantil e juvenil, até chegar aos atuais *planos de leituras* dos centros, nos quais a leitura na biblioteca escolar tem um peso fundamental.

O ensino desses aspectos culturais ocorre tanto pelo convívio do dia-a-dia quanto pela educação formal no ambiente escolar, sendo introduzido ou não nos assuntos trabalhados em sala de aula, possibilitando aos alunos/as conhecerem sobre as manifestações culturais de sua região, dessa forma, permitindo o conhecimento da sua realidade. Além do mais, é tratado sobre a inclusão do ensino do folclore na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9394/96, em seu art. 1º, ao abordar que a educação também ocorre nos movimentos e manifestações culturais.

3- Em terceiro lugar, começou-se a se destacar a necessidade de um contexto educativo de *construção compartilhada* na interpretação do texto. Neste sentido, a literatura infantil e juvenil pareceu oferecer um foro muito apropriado para a discussão sobre o sentido das obras, as características dos personagens, o desenvolvimento narrativo etc., assim como uma grande quantidade de livros que podiam ser entendidos desde uma primeira leitura individual, mas que também podiam aprofundar-se com a participação da “comunidade de leitores”. A partir disso, foi ganhando terreno e argumento de que os livros utilizados na escola não deviam ser avaliados apenas por seus méritos literários, mas também pela oportunidade que ofereciam para discutir, contrastar e favorecer a introspecção e comunicação. Esta ideia parece ter penetrado com tal força no ensino que atualmente está presente inclusive no secundário, habitualmente muito mais inadaptado à utilização de um tipo de textos “não canônicos”. Os valores atribuídos pelo professorado desta etapa à novela juvenil se centram, precisamente, em suas vantagens como textos motivadores, propícios para o debate de temas e adequados à

criação de hábitos de leitura, enquanto que, geralmente, se continua mantendo-se um espaço de programação subsidiária em relação à programação de conteúdos.

O leitor de obras literárias precisa de espaços para dialogarem sobre o que leu, compartilhar sobre a leitura que se fez de determinado texto, com isso permite a ampliação do conhecimento, pois entende-se que a visão e compreensão de um mesmo texto não é única, quando há essa oportunidade de compartilhar, dialogar aumenta o campo de visão e conhecimento sobre o mesmo assunto, dessa forma, a comunidade leitora acrescenta em seu espaço significativas aprendizagens.

4- As propostas curriculares das Administrações foram formulando objetivos educativos em termos de “hábitos de leitura literária” e incluíram explicitamente a literatura infantil e juvenil como corpus adequado para a leitura em todas as etapas obrigatórias. Deste modo, pois, pode-se dizer que esta literatura obteve *reconhecimento oficial* de sua presença no âmbito escolar.

Além do mais, deve-se ter ciência mesmo que a literatura tenha entrado na escola, não significa que os docentes já saibam o lugar que os textos literários ocupam naquele espaço, para saber e compreender qual o papel e como trabalhar os textos literários para desenvolver e garantir os objetivos educativos, ou seja, os educadores devem estar preparados para apresentar e trabalhar, mas tendo consciência que o seu trabalho de conduzir essa tarefa da explanação, deve ser entendido e desfrutado pelas meninas e meninos, contudo, essa condução não pode ser organizada, selecionada por uma visão adulta, mas deve incluir uma seleção de leituras ao qual interessem aos alfabetizando/as.

Assim como, esse trabalho literário na infância, não pode ser executado sem uma organização, um plano de aula, não se pode deixar o seio familiar isolado, pois é onde o primeiro contato das crianças com os livros, as leituras literárias são apresentadas, onde os pais apresentam aos pequenos e as pequenas, o desenho, novidades da escrita, da leitura, das cores, é mostrar a criança o que a ela é destinado mais à frente no seu processo de alfabetização.

Dessa forma, mostra-se o apoio da literatura no alfabetizar, pois, dar condições a criança um poder de conquista entre o infantil brincar e infantil leitor, pois ao escutar uma contação de história e brincar de recontá-la a criança conquista o prazer de iniciar a decifração do código linguístico.

A apresentação do literário no âmbito familiar, permitirá ao pedagogo/a buscar e reconhecer os prévios conhecimentos de seus alunos e alunas, para dar continuidade no ensino, com apresentação das letras, fazendo o reconhecimento das letras em seu próprio

nome, questionar a partir da leitura oral sobre (o que é) determinada palavra, quanto as crianças que já tem mais autonomia, permitir a elas que desenvolvam o desfecho da história, possibilitando o desenvolvimento de habilidades, comportamentos e práticas da escrita na sua produção e compreensão das práticas sociais (letramento).

Portanto, a literatura infantil não só ajuda no crescimento e conhecimento da criança, assim como, ajuda no processo de alfabetização, sendo que a importância da literatura no processo de alfabetização, é o contato e o domínio que a criança terá com a leitura. As crianças da Educação Infantil, por mais que ainda não saibam ler, mas o contato com o livro permitirá, que elas tenham/façam a leitura das imagens, estimulando assim seus conhecimentos, habilidades diante dos textos.

3 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

“A leitura de mundo precede a leitura da palavra.”

(Paulo Freire)

3.1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: Conceituando

Nessa seção, será feita uma abordagem sobre a compreensão dos termos alfabetização e letramento, ambos com as suas especificidades, mas se complementam.

O conceito estabelecido para alfabetização, é a relação entre “conhecer” o alfabeto para ter a capacidade de “saber ler e escrever”. Carvalho faz a definição do termo alfabetização como processo inicial do ensino ou aprendizado da leitura e escrita, ela diz que existe várias definições de alfabetização, no entanto, ela prefere a definição, “uso a palavra alfabetização no sentido restrito da aprendizagem inicial da leitura e escrita, isto é, a ação de ensinar (ou o resultado de aprender) o código alfabético, ou seja, as relações entre letras e sons” (2005, p. 65).

Ferreiro (2017) ver a alfabetização como sendo um importante processo de apropriação da linguagem escrita através da práxis escolar ou também não escolar.

É um processo que exige acesso à informação socialmente veiculada, já que muitas das propriedades da língua escrita só se podem descobrir através de outros informantes e da participação em atos sociais onde a escrita sirva para fins específicos. Não é um processo linear, mas um processo com períodos precisos de organização, para cada um dos quais existem situações conflitivas que podem antecipar-se. (FERREIRO, 2017, p. 28)

Na sociedade há pessoas que não conseguem ler e nem escrever, enquanto outras tem habilidades tanto para ler e escrever, mas nem sempre existe a compreensão de que se lê, assim como, encontra-se pessoas que desenvolvem a leitura, escrita, entende o que está lendo, no entanto não tem aptidão para desenvolver um texto.

Estes grupos mencionados acima, tiveram o seu processo de alfabetização, apesar disso não passaram pelo processo de letramento, pois, uma pessoa pode ser alfabetizada e não letrada ou pode ser letrada e não ser alfabetizada.

Soares (2008, p. 15-16), faz a definição de alfabetização:

Toma-se, por isso, *alfabetização* em seu próprio, específico: processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita. Consideramos alfabetizado aquele que consegue ler e escrever diz ler e escrever corretamente, não aquele

processo mecânico da língua escrita (...) alfabetizar significa adquirir a habilidade de codificar a língua oral em língua escrita (escrever) e de decodificar a língua escrita em oral (ler).

Portanto, é a habilidade de colocar no papel o que se fala e decifrar o que se encontra escrito. Isto é o que acontece no primeiro ano do Ensino Fundamental, pois o/a alunos/as irão conhecer as letras (códigos), aprenderá a juntá-las e assim formará as palavras, conseguindo ler essas palavras (decifram o código). Ademais, vão produzir pequenas frases, depois estarão lendo textos pequenos e simples. Então, esse é o processo de alfabetização.

De acordo com Soares (2008), pode-se considerar esses conceitos parcialmente verdadeiros, pois a definição de alfabetização pode mudar, dependendo da sociedade em questão: “Para um lavrador, a alfabetização é um processo com funções e fins bem diferentes das funções e fins que esse mesmo processo terá para um operário da região urbana” (SOARES, 2008, p.17).

De acordo com Soares [1998] / (2014), uma das primeiras ocorrências da palavra letramento no vocabulário da Educação e Ciências Linguísticas surge na década de 80, no texto de Mary Kato, sugerindo que a língua falada culta é fruto do letramento. A palavra letramento vem do inglês *literacy*, que “vem do latim *littera* (letra), com o sufixo – *cy*, que quer dizer qualidade, condição, estado de ser” (SOARES, 2010, p. 17), ao se traduzir para o português, amplia-se o conceito de alfabetização, destacando-se para as práticas sociais, culturais, políticas, econômicas, ...

Conceituar ou definir o termo letramento, deve-se fazer com muita cautela, pois é uma tarefa complexa, que ao ser feita não pode ser deixada nenhuma lacuna ou restrição em relação ao seu entendimento, sendo que no Brasil o seu conceito relacionado ao de alfabetização, devido a isso houve alguns equívocos ocasionados na prática escolar. Para tanto, é necessário estabelecer uma ordem para se determinar o conceito de ser letrado.

Pressupor o letramento apenas como competência do sujeito que se diz alfabetizado é uma ideia simplista e um tanto reducionista, se forem consideradas múltiplas práticas letradas com as quais esse sujeito se envolve no dia a dia, as quais, muitas delas, requerem a criticidade e a capacidade de compreensão, que está para além do ato de ler e escrever mecanicamente. (p.271)

[...] persistir nessa separação é incorrer em um percurso de atraso e reducionismo nas práticas de ensino. A escola deve alfabetizar letrando, ou pelo letramento, como prática social e construção do sujeito através da escrita. Fazer deste o caminho para aprendizagem autônoma e crítica dos alunos. (LIMA, 2015, p. 208)

O letramento passa a existir com necessidade “de reconhecer e nomear práticas sociais de leitura de escrita mais avançadas e complexas que as práticas do ler e escrever resultantes da aprendizagem do sistema de escrita.” (SOARES, 2003b, p. 6), sendo que o ser humano aprenda com a elaboração e a criação do pensamento. Soares (2010, p. 18) ainda conceitua: “é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”.

Ferreiro (2017) enxerga o letramento como resultado do processo de relação entre o sujeito e o meio em que se encontra inserido. É a propriedade de utilizar para o uso social a leitura e a escrita que ultrapassa de codificar e decodificar as palavras. O letramento auxilia na melhoria de vida dos estudantes, mesmo que ainda não sejam alfabetizados, pois permite que tenham conhecimentos diante das ações cotidianas, orientar-se através do reconhecimento de placas, por exemplo, ao compreender seu significado.

Há conflitos quanto aos conceitos entre alfabetização e letramento, pois não é uma única definição.

[...] alfabetização e letramento são conceitos frequentemente confundidos ou sobrepostos, é importante distingui-los, ao mesmo tempo que é importante também aproximá-los: a distinção se faz necessária porque a introdução, no campo da educação, do conceito de letramento tem ameaçado perigosamente a especificidade do processo de alfabetização; por outro lado, a aproximação é necessária porque não só o processo de alfabetização, embora distinto e específico, altera-se e reconfigura-se no quadro do conceito de letramento, como também este é dependente daquele. (SOARES, 2006, p. 90)

Letramento e alfabetização são, dessa forma, processos que devem ser inseparáveis durante a aprendizagem do ser. Sendo o primeiro iniciado ao nascer, quando acontece os primeiros contatos com os meios sociais grafocêntricos, nas relações interpessoais; e o segundo é iniciado ao sujeito quando adentra na escola.

O letramento é uma constituição na formação de questões sócio-históricas da língua falada escrita, por meio da criação de formas e contextos diversificados. “Enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade”. (TFOUNI, 2010, p. 22)

Para ser considerado letrado é ter um entendimento mais complexo do que o processo de alfabetização. (SOARES, 1998)

Ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita denomina-se letramento que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir

diferentes objetivos – para informar-se, para interagir com outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoio à memória, para catarse ...; habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos de gêneros de textos, habilidades de orientar-se pelos protocolos de leitura que marcam o texto ou de lançar mão desses protocolos, ao escrever, atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e prazer em ler e escrever, sabendo utilizar a escrita para encontrar ou para fornecer informações e conhecimentos, segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor. (SOARES, 2003, p. 92)

Portanto, letramento é um estado ou condição concebida por meio das relações sociais formais ou informais do meio ao qual vive, onde o ser faz sua leitura de mundo, interpretando-o e podendo transformá-lo, sendo o próprio autor da sua história, inserindo-se como sujeito ativo na sociedade, tendo oportunidade de melhores condições para sua participação e, conseqüentemente para sua sobrevivência.

De acordo com Soares (2004) relata que o letramento como sendo complemento da alfabetização, para ela ambos são inseparáveis:

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio práticas sociais de leitura e escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização. (SOARES, 2004, p. 14)

Assim, compreende-se a importância dos dois processos, alfabetização e letramento, pois professores e professoras devem estar preparados/as para auxiliarem seus e suas discentes nesse aprendizado, sabendo que ambos refletem significativamente no ensino e aprendizagem de cada criança, não sendo ensinado um primeiro e depois o outro, mas sim relacionando ambos os processos.

3.2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO – NOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCNs)

A discussão sobre alfabetização e letramento já vem sendo discutidos, desde a década de 80. Tanto o Ciclo Básico (1984) quanto os Parâmetros Curriculares Nacionais (1977) foram firmados na teoria construtivista de Piaget (1896-1980), assim como, é notório por meio dos documentos educacionais brasileiros que a alfabetização e o letramento exercem determinada preponderância para o processo de desenvolvimento das habilidades e

capacidades, contribuindo para a formação de alunos e alunas, enquanto cidadão e cidadã. Entre tantos documentos, como: DCNEI; PCN e a BNCC, entre outros, nesta seção, portanto, utilizou-se os Parâmetros Curriculares Nacionais para entender como tratam a alfabetização e o letramento.

Elaborado em 1997, posterior a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). O contexto político, social e econômico da época, visava ideias neoliberais, priorizando assim os moldes de crescimento caracterizado pelo “esvaziamento do aparelho do Estado Nacional em virtudes da necessidade de reorganização funcional exigida [no] processo de globalização.” (EISENBACH NETO, CAMPOS, 2017)

As implicações das novas atitudes que deveriam ser tomadas pelo âmbito educacional, decorriam porque deveria ocorrer um melhoramento nos índices de alfabetização do País, devido as exigências internacionais para os países periféricos.

Diante dos embates que esse documento trouxe para o diálogo sobre os meios de se melhorar a educação, continha ideias onde o processo educacional era voltado para o mercado de trabalho e não para desenvolver o ensino que contemplasse o crescimento integral dos/as estudantes. Ou seja,

[...] as críticas destacaram a vinculação dos PCNs às novas exigências da ordem econômica globalizada e das políticas neoliberais, que têm como palavras-chave: consenso, competitividade, equidade, produtividade, cidadania, flexibilidade, desempenho, integração e descentralização. Nesse sentido, os PCNs seriam obedientes às orientações da Conferência Mundial de Educação para Todos, condizentes com as determinações do Banco Mundial, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO – e da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe – Cepal. Tais orientações focalizam a questão do conhecimento, da informação e do domínio técnico-científico com o objetivo de formação de recursos humanos flexíveis, adaptáveis às exigências do mercado. (GALIAN, 2014, p. 653)

O ponto em destaque era que houvesse uma melhor estrutura ou restauração no ensino da Língua Portuguesa, os PCNs justificavam que essa modificação, contribuiria para que houvesse um avanço e garantia nas habilidades dos quesitos de escrita e leitura, assim o País teria um avanço. Fica evidente,

[...] com clareza nos dois gargalos em que se concentra a maior parte da repetência: no fim da primeira série (ou mesmo das duas primeiras) e na quinta série. No primeiro, por dificuldade em alfabetizar; no segundo, por não conseguir garantir o uso eficaz da linguagem, condição para que os alunos possam continuar a progredir até, pelo menos, o fim da oitava série. (BRASIL. 1997, p. 19)

Ademais, os Parâmetros Curriculares Nacionais, aborda sobre as diretrizes ao qual integram o currículo escolar da Educação Básica, onde encontram-se organizadas por disciplinas, garantindo uma educação igualitária para todos e todas, levando em consideração a realidade de cada localidade onde estão inseridas as escolas.

Para tanto, foi analisado o documento para ter conhecimento do que é relatado sobre alfabetização e sobre o letramento, o que se estabelece para melhorar os níveis precários de alfabetização e letramento. Ademais, foi realizado uma leitura cautelosa, onde foi realizado uma quantificação de quantas vezes apareceram os termos alfabetização e letramento e seus derivados.

Tabela 1 – Frequência de vezes que aparece o termo ALFABETIZAÇÃO, no PCNs.

FREQUÊNCIA	PASSAGEM	Nº DA PÁGINA
	INTRODUÇÃO	
1	[...]. No primeiro, por dificuldades em <i>alfabetizar</i> .	19
2	[...], um grande esforço de revisão das práticas tradicionais de <i>alfabetização</i> inicial e de ensino da Língua Portuguesa.	19
3	[...] livros e artigos que davam conta de uma mudança na forma de compreender o processo de <i>alfabetização</i> ;	20
4	Os resultados dessas investigações também permitiram compreender que a <i>alfabetização</i> não é um processo baseado em perceber e memorizar, [...].	20
5	[...] de <i>alfabetizadores</i> e técnicos um esforço de revisão das práticas de alfabetização.	20
6	[...] de alfabetizadores e técnicos um esforço de revisão das práticas de <i>alfabetização</i> .	20
7	[...] – confundido muitas vezes com a própria ideia de <i>alfabetização</i> – [...].	20
8	Os esforços pioneiros de transformação da <i>alfabetização</i> escolar consolidaram-se, [...].	20
9	[...]: a significativa ampliação da presença, na escola, dos filhos do <i>analfabetismo</i> .	21
	QUE ESCRITA CABE À ESCOLA ENSINAR – Alfabetização e o Ensino da Língua	
10	[...]. O primeiro seria o que já se chamou de “primeiras letras”, hoje	27

	<i>alfabetização</i> , [...].	
11	A conquista da escrita <i>alfabética</i> não garante ao aluno a possibilidade de compreender e produzir textos em linguagem escrita. [...].	27
12	[...] – não significa que a aquisição da escrita <i>alfabética</i> deixe de ser importante. [...].	28
13	[...], ao enfatizar o papel da ação e reflexão do aluno no processo de <i>alfabetização</i> , [...].	28
14	[...] uma abordagem espontaneísta da <i>alfabetização</i> escolar;	28
15	A <i>alfabetização</i> , considerada em seu sentido restrito de aquisição da escrita <i>alfabética</i> , [...].	28
16	A <i>alfabetização</i> , considerada em seu sentido restrito de aquisição da escrita <i>alfabética</i> , [...].	28
	OS CONTEÚDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL – Caracterização geral e eixos organizadores	
17	A maioria dos guias curriculares em vigor já não organiza os conteúdos de Língua Portuguesa em <i>alfabetização</i> , [...].	35
	APRENDIZADO INICIAL DA LEITURA	
18	[...], de compreender a natureza e o funcionamento do sistema <i>alfabético</i> , [...].	42
	PRÁTICAS DE PRODUÇÃO DE TEXTOS	
19	[...]; que não se aprende a ortografia antes de se compreender o sistema <i>alfabético</i> de escrita;	48
20	O conhecimento a respeito de questões dessa natureza tem implicações radicais na didática da <i>alfabetização</i> . [...].	48
21	[...], principalmente quando são iniciados “oficialmente” no mundo da escrita por meio da <i>alfabetização</i> . [...].	48
22	[...] – os aspectos notacionais relacionados ao sistema <i>alfabético</i> [...].	48
	ALFABETIZAÇÃO	
23	Algumas situações didáticas favorecem especialmente a análise e a reflexão sobre o sistema <i>alfabético</i> [...].	56
24	[...], o <i>alfabetizando</i> progride em direção a um procedimento de análise [...].	56
25	[...], os alunos constroem procedimentos de análise necessários para que a <i>alfabetização</i> se realize.	56

ORTOGRAFIA		
26	O princípio gerador biunívoco é o próprio sistema <i>alfabético</i> [...].	57
27	[...] apesar de se encontrar no sistema <i>alfabético</i> mais de um grafema [...].	57
28	[...]: além de saber que as palavras estão organizadas segundo a ordem <i>alfabética</i> [...].	58
OS RECURSOS DIDÁTICOS E SUA UTILIZAÇÃO		
29	Na <i>alfabetização</i> inicial, [...].	62
30	[...], alguns materiais podem ser de grande utilidade ao professor: <i>alfabeto</i> , [...].	62
CONTEÚDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA O PRIMEIRO CICLO – Tratamento Didático		
31	[...], de que produzir textos é algo possível apenas após a <i>alfabetização</i> inicial.	69
32	[...]. Isto é, quanto mais rapidamente os alunos chegarem à escrita <i>alfabética</i> , [...].	69
33	[...], organizar situações de aprendizagem que possibilitem a discussão e reflexão sobre a escrita <i>alfabética</i> . [...].	69
34	[...], se ao final desse ciclo é fundamental que o aluno seja autônomo no que se refere ao domínio da escrita <i>alfabética</i> , [...].	70
ESCREVER UTILIZANDO A ESCRITA ALFABÉTICA ...		
35	Espera-se que o aluno escreva textos <i>alfabeticamente</i> , [...].	77
DESDOBRAMENTO DOS CONTEÚDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA O SEGUNDO CICLO – Tratamento Didático		
36	[...], espera-se que o aluno já tenha aprendido a escrever <i>alfabeticamente</i> e já realize atividades [...].	80

Fonte: Brasil (1997). Org. A autora (2022).

Na tabela 1, encontra-se a quantidade de vezes que aparecem o nome alfabetização e seus semelhantes. O PCNs, trata a alfabetização como sendo o processo inicial para que haja o crescimento e autonomia do ser na escrita alfabética, sendo que o indivíduo saberá organizar as letras e, assim escreverá de forma correta, ao mesmo tempo mostra que esse processo não permitirá que a criança tenha uma total compreensão de um texto escrito, mas é um caminho ao qual possibilita a aprendizagem, para tal resultado, sendo necessário que não seja confundido a alfabetização com a escrita alfabética. Pois, a alfabetização permite ao aprendiz

a capacidade de ter habilidades de refletir e compreender o que ele/ela estará escrevendo e, não fazendo uma reprodução/cópia de letras ou números.

Tabela 1 – Frequência de vezes que aparece o termo LETRAMENTO, no PCNs.

FREQUÊNCIA	PASSAGEM	Nº DA PÁGINA
	LINGUAGEM E PARTICIPAÇÃO SOCIAL	
1	Essa responsabilidade é tanto maior quanto menor for o grau de <i>letramento</i> das comunidades em que vivem os alunos.	21
	DIVERSIDADES DE TEXTOS	
2	[...] os mais vitais para a plena participação numa sociedade <i>letrada</i> .	26
	QUE ESCRITA CABE À ESCOLA ENSINAR – Alfabetização e o Ensino da Língua	
3	[...]. A diversidade textual que existe fora da escola pode e deve estar a serviço da expansão do conhecimento <i>letrado</i> do aluno.	28
4	[...] – que hoje sabe-se essencial para a participação no mundo <i>letrado</i> – [...].	28
	O TEXTO COMO UNIDADE DE ENSINO	
5	[...], não é possível tomar como unidade básica de ensino nem a <i>letra</i> , [...].	29
	A PRÁTICA DE REFLEXÃO SOBRE A LÍNGUA	
6	[...]. É uma entre as muitas ações que alguém considerado <i>letrado</i> é capaz de realizar com a língua.	30
	OBJETIVOS GERAIS DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL	
7	[...], ter acesso aos bens culturais e alcançar a participação plena no mundo <i>letrado</i> .	33
	OS BLOCOS DE CONTEÚDOS E O TRATAMENTO DIDÁTICO – Considerações a respeito do tratamento didático dos conteúdos.	
8	[...]. Isso é especialmente importante quando eles provêm de comunidades pouco <i>letradas</i> , [...]	38
	LÍNGUA ESCRITA: Usos e Formas	
9	[...], que se modificam mutuamente no processo de <i>letramento</i> – [...].	40
	PRÁTICA DE LEITURA	
10	[...], decodificando-a letra por <i>letra</i>	41

	APRENDIZADO INICIAL DA LEITURA	
11	[...], converter <i>letras</i> em sons, [...].	42
	PRÁTICAS DE PRODUÇÃO DE TEXTOS	
12	[...]. A principal delas é que não se deve ensinar a escrever por meio de práticas centradas apenas na codificação de sons em <i>letras</i> . [...].	48
	ALGUMAS SITUAÇÕES DIDÁTICAS FUNDAMENTAIS PARA A PRÁTICA DE PRODUÇÃO DE TEXTOS – Projetos.	
13	[...], poderá pôr em evidências o fato de que praticamente todos os cartazes são escritos com <i>letras</i> grandes – [...].	50
14	[...] sobre o fato de que cartazes produzidos com textos longos e <i>letras</i> manuscritas pequenas [...] não são eficazes;	50
15	[...], dificilmente, as pessoas suportam ler textos cuja <i>letra</i> é incompreensível;	51
	ALFABETIZAÇÃO	
16	[...] – antes de chegar a compreender o que realmente cada <i>letra</i> representa.	56
17	[...], que a atividade seja realizada em grupo e que os alunos precisem se pôr de acordo sobre quantas e quais <i>letras</i> irão usar para escrever. [...].	56
	ORTOGRAFIA	
18	[...] (não só das <i>letras</i> iniciais, mas também das seguintes), [...].	58

Fonte: Brasil (1997). Org. A autora (2022).

Na tabela 2, mostra-se a frequência das vezes que aparecem o termo letramento, sendo uma quantidade menor que o termo alfabetização. Os PCNs, trazem que o letramento é a capacidade de se comunicar através dos símbolos e, não sendo somente por meio da escrita e leitura no seu contexto social, mas também nas práticas que se exige conhecimento para identificar, realizar tal atividade. A pessoa letrada se apropria da escrita alfabética, sendo crítica, quanto a sua finalidade, interação e sua ação nos mais variados contextos sociais.

4 REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL: LITERATURA INFANTIL E A LEITURA

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), faz uma orientação de como pode ser trabalhado o desdobramento da linguagem oral e escrita fazendo um destaque para a literatura infantil, cujo objetivo se encontra em assessorar a realização do trabalho educativo no dia a dia junto às crianças, nos CMEI's (Centros Municipais de Educação Infantil), creches, pré-escolas e as entidades equivalentes. De acordo com este documento “A educação infantil é considerada a primeira etapa da educação básica [...] tendo como finalidade o desenvolvimento integral da criança.” (BRASIL, 1998, p. 11).

As crianças como todo ser humano, sentem e pensam o mundo da forma delas. Na formação do desenvolvimento e do conhecimento, de acordo com Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 21), “as crianças constroem conhecimento a partir das interações que estabelecem com outras pessoas e com o meio em que vivem”, Piaget e Vygotsky também confirmam em suas teorias, que a criança se desenvolve a partir do meio em elas se encontram.

Através de uma história, a criança aprende, ganha conhecimento, vai desenvolvendo sua curiosidade e vai compreendendo sobre as coisas do seu dia a dia. O RCNEI (BRASIL, 1988, p. 135), nos diz que

O ato da leitura é um ato cultural e social. Quando o professor faz uma seleção prévia da história que irá contar para as crianças, independente da idade delas, dando atenção para a integralidade e riqueza do texto, para a nitidez e beleza das ilustrações, ele permite às crianças construir um sentimento de curiosidade pelo livro (ou revista, gibi etc.) e pela escrita.

O Referencial é formado com base em: Movimento, Música, Artes Visuais, Linguagem Oral e Escrita, Natureza e Sociedade e Matemática. Sendo que o tema Literatura Infantil se encontra inserida no eixo Linguagem oral e escrita.

Em anuência com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI, os eixos são indicações para a elaboração de distintas linguagens pelas crianças e para as relações com os objetos de conhecimento:

Este documento constitui-se em um conjunto de referências e orientações pedagógicas que visam a contribuir com a implantação ou implementação de práticas educativas de qualidade que possam promover e ampliar as condições necessárias para o exercício da cidadania das crianças brasileiras. (BRASIL, 1998, p.13).

Sobre à Literatura Infantil, é importante referenciar o eixo da linguagem oral e escrita, pois é considerável para a compreensão e aprendizagem das crianças, assim ocorrendo um desenvolvimento maior na interação com diferentes práticas sociais:

A linguagem oral está presente no cotidiano e na prática das instituições de educação infantil à medida que todos que dela participam: crianças e adultos, falam, se comunicam entre si, expressando sentimentos e ideias. As diversas instituições concebem a linguagem e a maneira como as crianças aprendem de modos bastante diferentes. (BRASIL, 1998, p.119).

Em concordância com o RCNEI, um dos propósitos, ao qual consta na linguagem oral a ser trabalhadas pelas instituições escolares e pelos profissionais da educação infantil, para estimular as capacidades com crianças de 4 a 6 anos, são:

Familiarizar-se com a escrita por meio de manuseio de livros, revistas e outros portadores de textos e da vivência de diversas situações nos quais seu uso se faça necessário;
Escutar textos lidos, apreciando a leitura feita pelo professor;
Escolher os livros para ler e apreciar. (BRASIL, 1998, p.131).

Ler para o ser humano é de suma notoriedade, pois é um ato que permite estimular a criatividade, exercita a memória, entre outros benefícios, assim como, é considerado um ato social e cultural. Na escola o/a professor/a devem ter uma boa preparação/formação para saber trabalhar com a leitura literária, para isso deve realizar com antecedência uma seleção de histórias que irá ministrar em sala de aula, estudar os textos para não acontecer desvio do que se pretende ensinar, desvirtuar o significado/moral e o objetivo do que se está escrito. Preparar um ambiente prazeroso para a leitura, permitir que as crianças manuseiem e “leiam” os livros, ajudará no estímulo e incentivo para que tenham um maior interesse pela leitura.

Deixar as crianças levarem um livro para casa, para ser lido junto com seus familiares, é um fato que deve ser considerado. As crianças, desde muito pequenas, podem construir uma relação prazerosa com a leitura. Compartilhar essas descobertas com seus familiares é um fator positivo nas aprendizagens das crianças, dando sentido mais amplo para a leitura. (BRASIL, 1998, p.135).

Em seus mais diversos pontos positivos, é essencial destacar que a leitura permite, provoca o conhecimento do mundo:

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com a sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence. As instituições de educação infantil podem resgatar o repertório de histórias que as crianças ouvem em casa e nos ambientes que frequentam, uma vez que essas histórias se constituem em rica fonte de informação sobre as diversas

formas culturais de lidar com as emoções e com as questões éticas, contribuindo na construção da subjetividade e da sensibilidade da criança. (BRASIL, 1998, p.143).

Para favorecer as práticas de leituras, segundo o RCNEI é fundamental:

- Dispor de um acervo em sala com livros e outros materiais, como histórias em quadrinhos, revistas, enciclopédias, jornais, etc., classificados e organizados com a ajuda das crianças;
- Organizar momentos de leitura livre nos quais o professor também leia para si. Para as crianças é fundamental ter o professor como um bom modelo. O professor que lê histórias, que tem boa e prazerosa relação com a leitura e gosta verdadeiramente de ler, tem um papel fundamental: o modelo para as crianças;
- Possibilitar às crianças a escolha de sua leitura e o contato com os livros, de forma que possam manuseá-los, por exemplo, nos momentos de atividades diversificadas;
- Possibilitar regularmente às crianças o empréstimo de livros para levarem para casa. Bons textos podem ter o poder de provocar momentos de leitura em casa, junto com os familiares. (BRASIL, 1998, p.144).

A leitura e a contação de histórias, faz-se necessário na educação infantil, pois contribuem para despertar da imaginação, o faz de conta e o prazer pela leitura.

Ter acesso à boa leitura é dispor de uma informação cultural que alimenta a imaginação e desperta o prazer pela leitura. A intenção de fazer com que as crianças, desde cedo, apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exige que o professor, como leitor, preocupa-se em lê-la com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças, permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida. (BRASIL, 1998, p.143).

O Referencial Curricular Nacional para a educação infantil, contribui para a importância da literatura infantil, por meio de ideias que possam ajudar todos/as envolvidos/as com este processo do ensino e aprendizagem, na qual se utiliza a leitura literária em sala de aula.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Navegar pelos clássicos da literatura é preciso, mas é impreciso. É necessário, mas é inexato. Não tem um rumo prefixado e definido, mas se faz à deriva, ao sabor das ondas e ventos, entregue à correnteza, numa sucessão de tempestades, calmarias e desvios.”

(Machado, 2009)

O processo de alfabetização e letramento não é uma tarefa fácil, o seu desenvolvimento requer esforço e dedicação entre as partes, professor/a e discentes, mas é algo imprescindível nos tempos atuais. A postura profissional para direcionar a criança durante esse processo deve ser cuidadosa e sistematizada, pois, sua prática docente impacta consideravelmente no comportamento e na vontade de aprender da criança.

Gostaria de salientar, todavia, que um estudo mais profundo e mais longo, faz-se imprescindível para que considerações mais conclusivas sejam feitas. O seguinte trabalho teve como objetivo, refletir e conseqüentemente apresentar os benefícios, da importância da prática da literatura infantil no ensino de crianças em processo de alfabetização, assim como, o que a criança pode aprender e desfrutar por meio do contato com o livro literário, não apenas para a imaginação ou conhecer as magias das histórias contidas nas páginas dos livros, mas contribui para o desenvolvimento da criança em todos os aspectos, o livro auxilia desde da fase inicial da vida à fase de alfabetização.

No perpassar deste trabalho, foi possível observar a importância da leitura na vida das pessoas, e o quanto mais cedo ela começa no universo infantil, mais rico e a possibilidade de conhecimentos ficam mais aprofundados, dessa forma, contribui diretamente para a formação cidadã do indivíduo.

Por conseguinte, o livro literário no caminhar do trabalho, mostrou-se ser muito significativo para auxiliar no processo de alfabetização, possibilitando diversas formas de serem trabalhadas atividades em sala de aula, ajudando assim as crianças no desenvolvimento de suas habilidades escritoras, leitoras e letrada.

Ademais, a fase de alfabetização é a mais importante para o desenvolvimento das habilidades citadas acima, pois o saber ler e escrever consistem em uma das práticas imprescindíveis para as pessoas vinculadas ao mundo a qual pertencem.

Pois, crianças leitoras são seres preparados para as circunstâncias da vida, ao qual ler é fundamental para conseguirmos resolver determinadas tarefas do nosso dia a dia, sendo acordado a importância da leitura para a aprendizagem, além de que permite o desenvolvimento de competências e obtenção do intelecto em diferentes áreas do conhecimento.

A leitura literária para o processo de alfabetização e letramento propõe, inicialmente, que a instituição escolar promova o contato do/a aluno/a com o texto literário. Obviamente que esse contato pode ocorrer fora da escola, mas muitas das vezes os/as alunos/as que a escola pública recebe, essa prática não faz parte da vida de muitas famílias. É diante dessas situações que o/a docente tem um papel significativo para desenvolver a leitura literária, tornando-se mediador, incentivador da leitura, incita curiosidades sobre os enredos, mostra a estética dos textos.

A vitória do ensino de literatura ocorre justamente pelo envolvimento que ela nos proporciona em meio ao universo realizados por palavras. Investigar ao máximo as potencialidades do texto literário dar subsídios para que o encontro do/a aluno/a com a literatura seja uma procura total de sentido tanto para ele ou ela quanto para a sociedade, encontro esse que só é possível quando se compreende a leitura literária como objeto de ensino e aprendizagem, ao qual o objetivo é estimular o exercício da reflexão e da formação de consciência crítica.

Por defender neste trabalho que o ensino da literatura por meio de métodos, estratégias ou caminhos ao qual iniciam da leitura de textos literários, cujo objetivo é a formação do/a leitor/a cidadão ou cidadã, acredita-se que a leitura de obras de literatura infantil promove contribuições para a criança em processo de alfabetização.

Para tanto, compreende-se que o estudo possa contribuir para a formação dos/as professores e professoras das séries iniciais, cuja prática pedagógica do ensino e aprendizagem possam utilizar dos textos literários para desenvolver atividades que auxiliem na formação leitora de cada criança. Assim como, preparam os/as alunos/as para entenderem o sentido do texto, levando-os ao pensamento crítico, de acordo com que vão dialogando com

formas ficcionais populares e realizando relações com o seu cotidiano, contudo, deve-se primeiro o/a docente ter e praticar o seu hábito de leitura, pois não tem como cobrar dos pequenos se os próprios educadores e educadoras não leem.

Portanto, reitera-se a questão inicial desta pesquisa, a literatura ou de forma mais específica a literatura infantil, contribui para o processo de alfabetização e letramento escolar das crianças, pois, a literatura se compõe como meio humano de representações do mundo, pois, a literatura promove para a criança conhecimentos, possibilidades, habilidades e linguagens de acordo com seus níveis de compreensão. A literatura permite uma formação integral da criança em seu processo de ensino-aprendizagem em processo de alfabetização e letramento, pois estimula a criança com variadas metodologias de ensino como: contos, fábulas e lendas, mesmo sendo textos pequenos, mas são narrativas ricas em conhecimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, F. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. 4ª ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- AGUIAR, V. T. *Leitura para crianças brasileiras: das fontes às margens*. In: SOUZA, R. J. de.; FEBA, B. L. T. (org.) *Leitura Literária na Escola: Reflexões e propostas na perspectiva do letramento*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011, p. 7-11.
- ALVES, A. E.; ESPÍNDOLA, A. L.; MASSUIA, C. S. *Oralidade, fantasia e infância: há lugares para Contos de Fadas na escola?* In: SOUZA, R. J. de.; FEBA, B. L. T. (org.) *Leitura Literária na Escola: Reflexões e propostas na perspectiva do letramento*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011, v. 2, p. 36-45.
- BJARD, E. *Da escuta de textos à leitura*. São Paulo: Cortez, 2007.
- BAKTHIN, M. *Estética da Criação Verbal*. SP: Martins Fontes, 2003. P.261-411.
- BORGES, T. M. M. *Ensinando a ler sem silabar*. 2ª ed. Campinas – SP: Papyrus, 2001.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Rio de Janeiro: Departamento gráfico da Alerj, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998. V.1. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf Acesso em: 29 de dezembro de 2021.
- BRASIL. Secretária de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: 144p. 1997.
- BURLAMQUE, F. V.; MARTINS, K. C. C.; ARAÚJO, M. dos S. *A leitura do livro de imagem na formação do leitor*. In: SOUZA, R. J.; FEBA, B. L. T. (orgs) *Leitura Literária na Escola: Reflexões e propostas na perspectiva do letramento*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011, p. 75-95.
- CADEMARTORI, Lúcia. *O que é Literatura infantil*. 2. ed., São Paulo: Brasiliense (Coleção Primeiros Passos, 163), 2010.
- CARVALHO, Marlene. *Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. V. II. São Paulo: Brasiliense, 1962.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil, análise didática* – 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000. Disponível em: <https://doceru.com.br/doc/x0esn5x>. Acesso em: 02 de julho de 2022.

COLOMER, Teresa. *Introdução à literatura infantil e juvenil atual* / Teresa Colomer; tradução Laura Sandroni. – 1. Ed. – São Paulo: Global, 2017.

EISENBACH NETO, F. J. E.; CAMPOS, G. R. *O impacto do neoliberalismo na educação brasileira*. In: EDUCERE: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 13., 2017, Curitiba. Anais ... Curitiba: PUCPR, 2017.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três gêneros que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

_____. *Políticas e Educação: ensaios*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GALIAN, C. V. A. *Os PCN e a elaboração de propostas curriculares no Brasil*. Cadernos de Pesquisa., São Paulo, v. 4, n. 153, p. 648-669, jun./set. 2014.

GRATIOT, A. H. Henri Wallon. Tradução e Organização: Patrícia Junqueira. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores) p. 11-30.

LAJOLO, M. *Do mundo da literatura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.

LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*/ Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. – 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA, Francisco R. *Por que ainda alfabetização ‘e’ letramento?* In: ANAIS do I Encontro de Letras do Delta do Parnaíba [Online]. Parnaíba: UFPI, 2015. v. 1. p. 270-282. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/312408246/Anais-Do-I-Encontro-de-Letras-do-Delta-do-Parnaiba>. Acessado em: 08 de janeiro de 2022.

MACHADO, A. M. *Ilhas no Tempo*. 1ª ed. São Paulo: Nova Fronteira, 2001. MACHADO, I. A. *Literatura e Redação*. São Paulo: Scipione, 1994.

_____. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. Disponível em: <https://doceru.com/doc/188v11x>. Acessado em: 27 de novembro de 2022.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da Literatura Infantil*. 4. ed. São Paulo: Global, 2016.

SANTOS, Julia Fortes dos. *Leitura de Imagens dos livros: “Onda” e “Uma história de amor sem Palavras”*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro, 2013. (Trabalho de Conclusão de Curso).

SILVA, A. L. da. *TRALETÓRIA DA LITERATURA INFANTIL: da origem histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico na atualidade*. REGRAD – Revista Eletrônica de Graduação do UNIVEM. v. 2 – n. 2 – jul. /dez – 2009. Disponível em: <https://revista.univem.edu.br/REGRAD/article/download/234/239/0#:~:text=A%20hist%C3%B3ria%20da%20literatura%20infantil,fun%2D%20%C3%A7%C3%A3o%20did%C3%A1tico%2Dpedag%C3%B3gica>. Acesso em: 19 de dezembro de 2022.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. *Letramento e escolarização*. In.: RIBEIRO, era Masagão (org.). *Letramento no Brasil*. São Paulo: Global, 2003. P. 89-115.

_____. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1998-2014.

_____. SOARES, M. *Letramento e alfabetização: as muitas facetas*. *Revista Brasileira de Educação*. Jan./fev./mar./abr., 2004, nº 25.

TFOUNI, Leda V. *Letramento e alfabetização*. São Paulo: Contexto, 2010.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VIGOTSKI, L. S. *Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores*. Apresentação e comentários: Ana Luiza Smolka: tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009. Disponível em: <https://doceru.com/doc/n10ec58>. Acesso em: 30 de julho de 2022.

ZILBERMAN, R. *A literatura infantil na escola*. 4ª ed. São Paulo: Global, 1995.

_____. *Estética da Recepção e da História da Literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

_____. *A literatura infantil na escola / Regina Zilberman*. – 11. ed. rev., atual. e ampl. – São Paulo: Global, 2003.

_____, R.; LAJOLO, M. *Literatura Infantil brasileira: história & histórias*. São Paulo: Ática, 2007. Disponível em: <https://www.academia.edu/>. Acesso em: 02 de julho de 2022.